

CAMPANHA SALARIAL PERSPECTIVAS PARA 2015



Elementos da conjuntura

- Contexto internacional de crise;
- PIB brasileiro em estagnação
- Inflação mais alta
- Mercado de trabalho. Desemprego com sinais de alta;
- Taxa básica de juros mais alta;
- Investimento público menor; Ajuste Recessivo



Quadro Político na Conjuntura

- ❑ Desde o início do novo mandato, a natureza política da crise assume proporções de maior importância, a sensação é de que as eleições não terminaram.
- ❑ No meio do furacão está a Petrobrás, que é uma síntese da guerra política. Mesmo com todas as limitações deste governo, vem sendo garantidos o regime de partilha, a exclusividade da operação pela Petrobrás no pré-sal e a política de conteúdo nacional.
- ❑ O sistema financeiro, a identidade do “mercado”, mais que nunca, aponta a necessidade de ajustes nas contas públicas. Vale dizer, o Estado deve economizar para garantir o pagamento dos juros sobre os títulos públicos.
- ❑ O êxito do ajuste recessivo do ministro Joaquim Levy depende do desajuste do emprego e da expropriação dos ganhos reais de salários acumulados nos últimos anos.

Já se notam Recuos Importantes

- Renda real do trabalhador registrou uma perda da ordem de + 6% em março, em relação a igual período de 2014, em algumas regiões
- **A taxa desemprego (IBGE) subiu forte nas grandes capitais em março: 6,2% (era de 5,9% em fevereiro; 5,3% em janeiro; 5% em março de 2014);**
- Na taxa medida pelo Dieese já se observa o mesmo fenômeno em algumas regiões (veremos à frente)

Perspectivas de Médio Prazo

- A visão de ajuste do ministério da fazenda significa submeter o custo do trabalho ao desemprego e queda do poder de compra
- As tentativas de uma “desregulação salvadora” já começaram a dar resultados com a aprovação do PL 4.330 na Câmara Federal
- O BC acabou de elevar a taxa de juros que é mais elevada do planeta (só esse 0,50% custará mais R\$ 12 bilhões em 12 meses aos cofres públicos: juros adicionais sobre uma dívida pública de R\$ 2,4 trilhões)

Perspectivas de Médio Prazo

Não há, em um horizonte mais próximo, alguma possibilidade de crescimento da economia.

Com os investimentos públicos contidos devido ao ajuste fiscal e a iniciativa privada insegura com os rumos da crise política e as medidas contraditórias adotadas pelas autoridades econômicas, há poucas esperanças de recuperação no curto prazo.

Após crescer quase zero (0,1%) em 2014, os resultados do primeiro trimestre indicam que 2015 deverá se encerrar com queda do PIB em cerca de 1%.

Conjuntura Internacional: Crescimento Baixo e Incertezas

- EUA: crescimento em torno de 2,25%
- China e Índia de aproximadamente 7% e 8%, respectivamente
- União Europeia: Por volta de 1%
- Na UE, queda de braço BCE e vários países. Estes querem flexibilizar as políticas de austeridade fiscal, contra o governo alemão (e outros governos conservadores) que querem manter políticas de austeridade fiscal
- **Queda de preços das principais commodities agrícolas, minerais e energéticas impactando países produtores/exportadores**
- Queda significativa do preço do petróleo, provocada pela posição da Arábia Saudita (OPEP), de manter o seu volume de produção (talvez por tentativa de quebrar a concorrente indústria de xisto betuminoso nos EUA)
- **Incertezas monetárias na União Europeia (situação grega, política de expansão monetária do BCE, desvalorização do euro)**

Quais são os indicadores

- Desemprego: chegou a 6,4% em abril, o maior índice dos últimos quatro anos. Cerca de 1 milhão e 600 mil trabalhadores brasileiros estão sem emprego, segundo o IBGE
- Renda: o salário médio dos trabalhadores caiu 0,5% no mês passado, em relação a março, e 2,9% na comparação com abril de 2014
- PIB: a economia brasileira encolheu 0,81% no primeiro trimestre de acordo com o cálculos do Banco Central (IBC-BR)
- Nos últimos 12 meses, o PIB caiu 1,18%, segundo o IBC-BR, mesmo índice da retração esperada para este ano
- Com menos investimentos e as altas dos juros e da inflação, caem o emprego e a renda, os grandes esteios da estabilidade econômica mantida até o ano passado, fazendo com que as famílias consumam menos e provoquem uma queda no PIB
- **Saldo no emprego formal em abril é -263.493 (12 meses)**

Evolução da Inflação – IPCA-IBGE

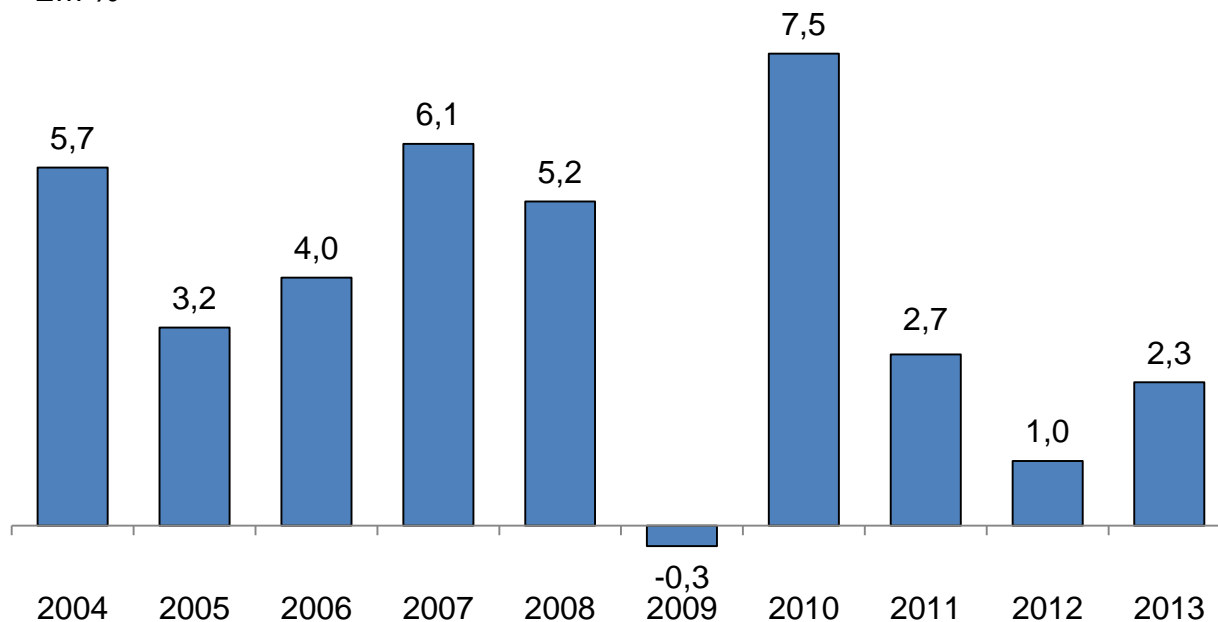
Ano	Acumulado no ano	Acumulado até abril
2010	5,91%	2,65%
2011	6,50%	3,23%
2012	5,84%	1,87%
2013	5,91%	2,50%
2014	6,41%	2,86%
2015	8,20% est	4,56%

Produto Interno Bruto

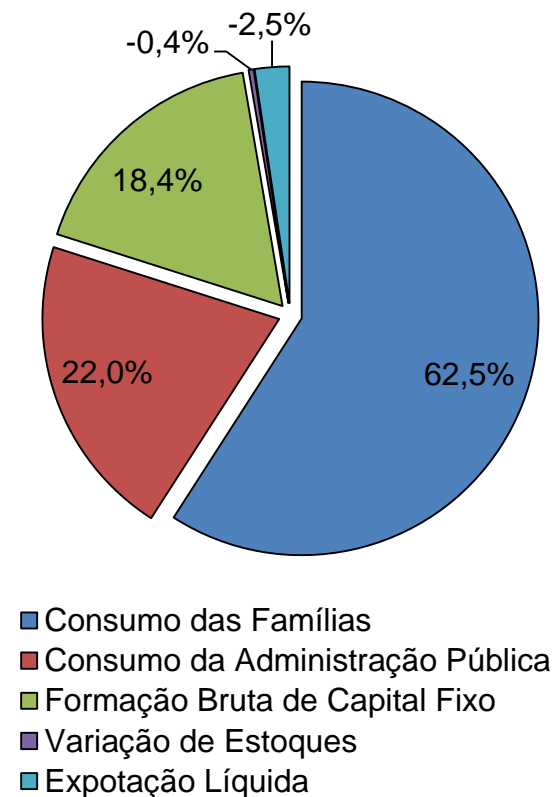
Taxa de Crescimento Acumulada ao Longo do Ano Brasil, 2004 a 2013

Acumulado 2004-2013	43,93%
Acumulado 2011-2013	6,16%
Média 2004-2013	3,73%
Média 2011-2013	2,02%

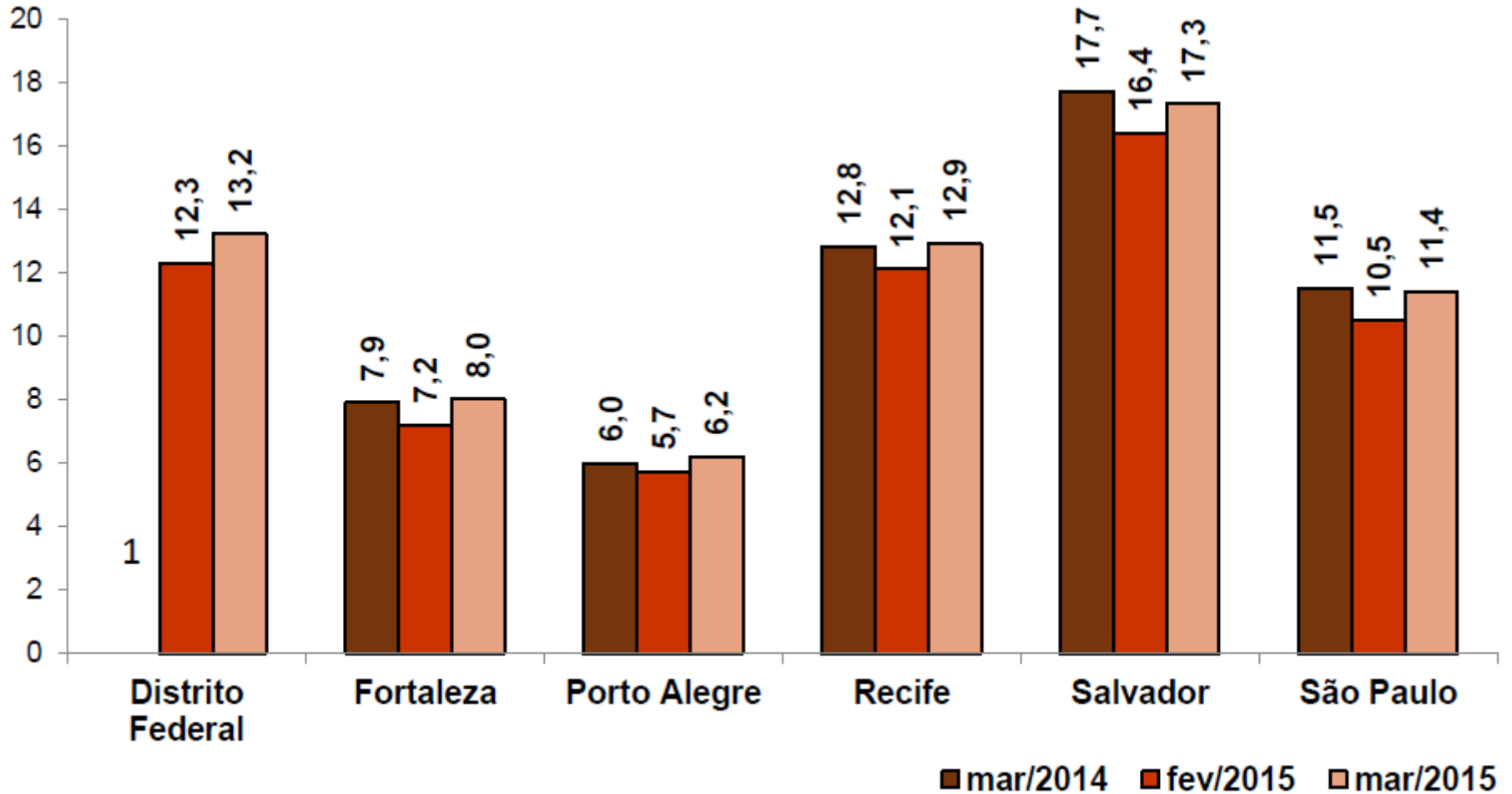
Em %



Composição do PIB pela ótica da demanda 2013



Taxa de Desemprego



Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Nota: (1) A PED-DF teve a série estatística interrompida entre setembro de 2013 e setembro de 2014

Rendimento médio real dos ocupados

Rendimento médio real dos ocupados

Região Metropolitana	R\$ (Fevereiro)	Var. % Mensal	Var. % 12 Meses
Distrito Federal *	2.712	-1,3	-
Fortaleza	1.214	1,0	-2,2
Porto Alegre	1.851	-0,9	-6,2
Recife	1.306	1,4	1,4
Salvador	1.303	-0,4	2,6
São Paulo	1.903	-1,8	-6,3

Fonte: PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. Convênio Seade-Dieese, MTE/FAT e convênios regionais.

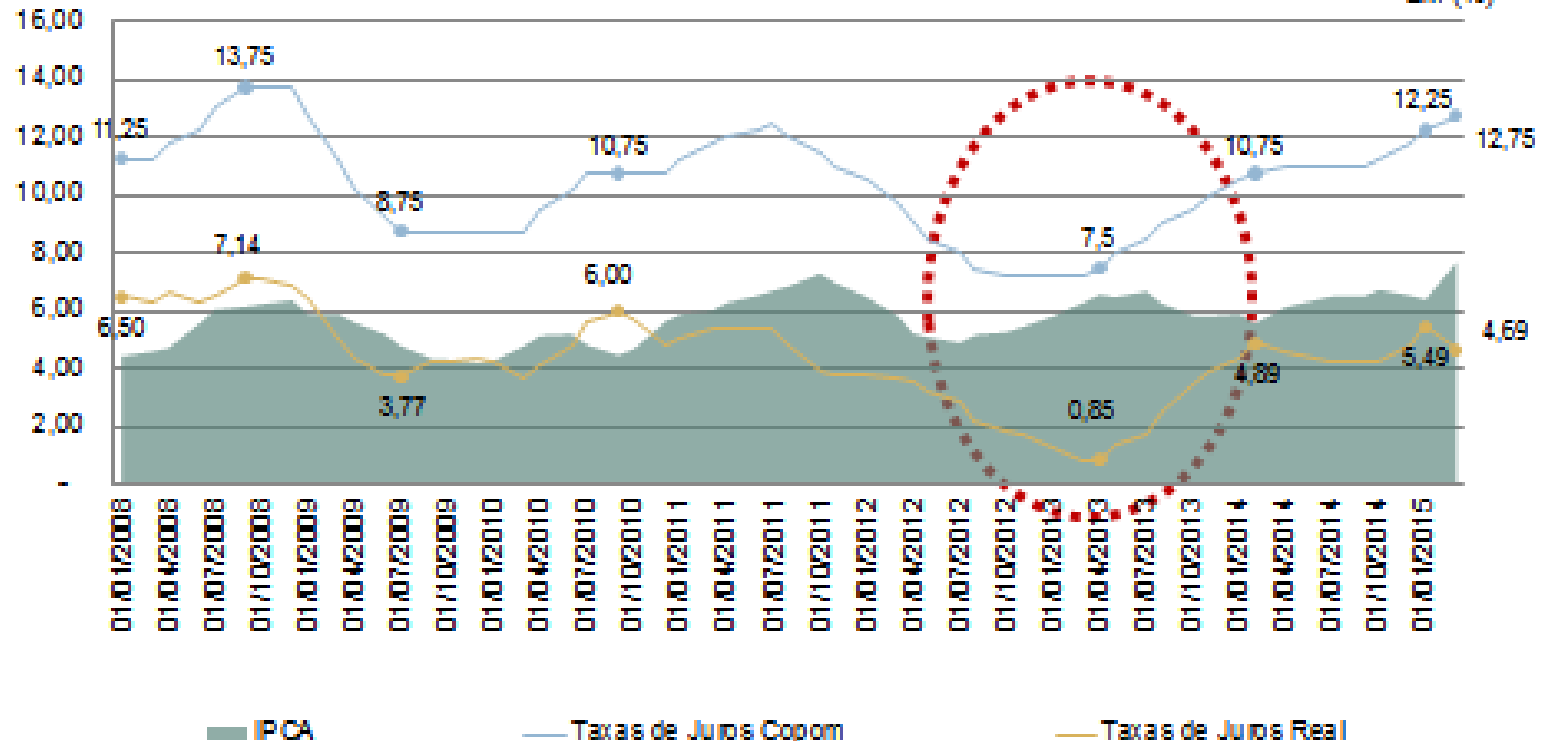
* A PED-DF teve sua série estatística interrompida entre setembro de 2013 e setembro de 2014.

Taxa de Juros

Janeiro de 2008 – Março de 2015

Evolução das metas de Juros por Reunião do Copom

Em (%)



Fonte: Banco Central do Brasil

Elaboração: DIEESE

Taxa de juros real calculada a partir do IPCA/IBGE.

DIEESE

As negociações coletivas no setor privado e nas estatais

DINEESE

Distribuição dos Reajustes Salariais, em Comparação com o INPC-IBGE

Brasil, 2008-2014

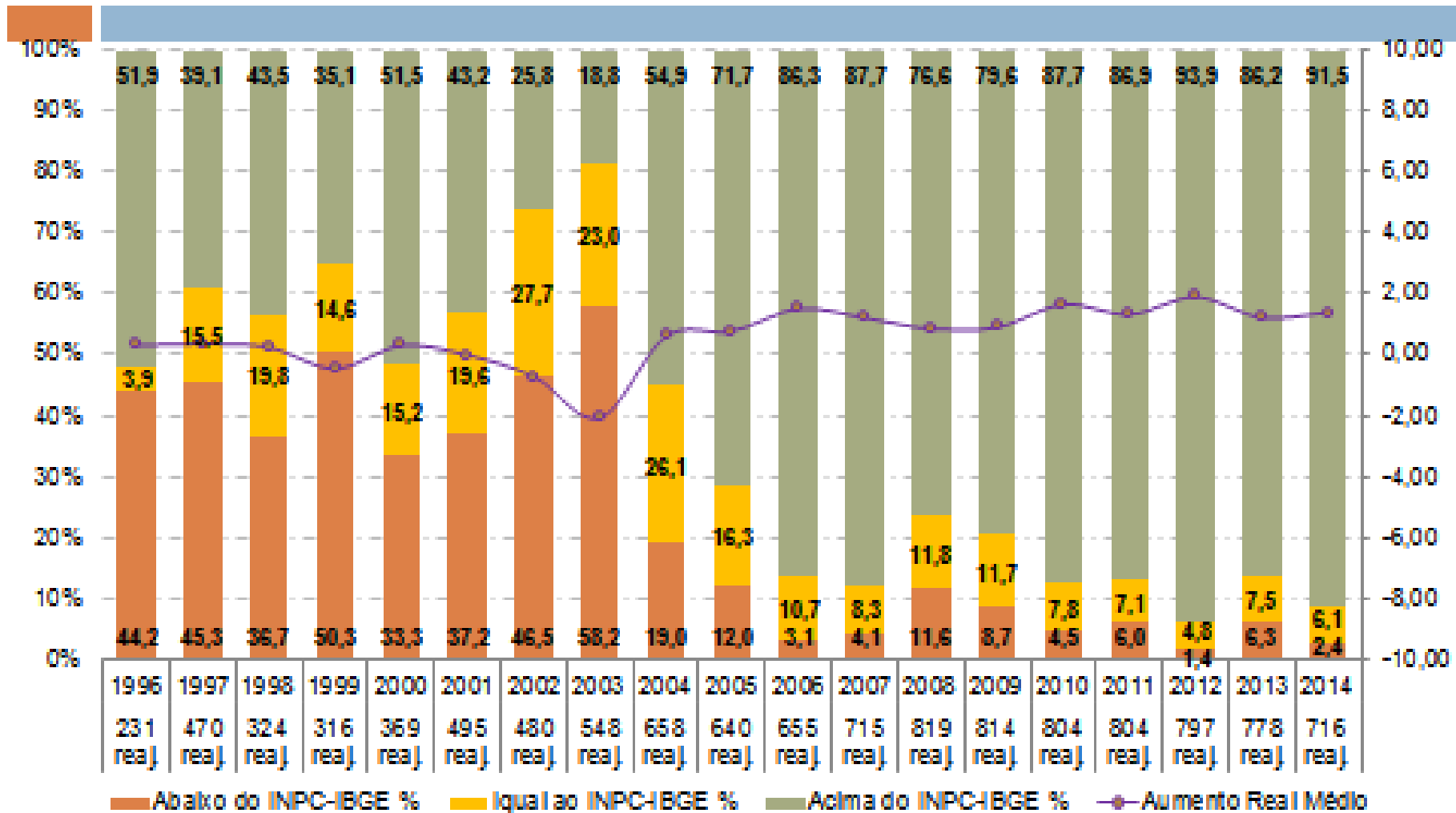
Variação	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Acima do INPC-IBGE	76,6%	79,6%	87,7%	86,9%	93,9%	86,2%	91,5%
Mais de 5% acima	0,5%	1,5%	4,1%	1,4%	4,0%	0,3%	0,1%
De 4,01% a 5% acima	0,7%	1,2%	3,4%	1,2%	3,8%	0,3%	1,1%
De 3,01% a 4% acima	3,1%	2,8%	8,2%	6,0%	4,1%	4,4%	4,6%
De 2,01% a 3% acima	9,2%	11,3%	17,3%	14,3%	26,3%	15,0%	15,6%
De 1,01% a 2% acima	27,7%	26,3%	27,5%	36,3%	34,6%	33,4%	44,8%
De 0,01% a 1% acima	35,4%	36,5%	27,2%	27,7%	21,0%	32,9%	25,1%
Igual ao INPC-IBGE	11,8%	11,7%	7,8%	7,1%	4,8%	7,5%	6,1%
De 0,01% a 1% abaixo	9,4%	5,7%	4,0%	5,1%	1,3%	5,9%	2,4%
De 1,01% a 2% abaixo	1,1%	0,7%	0,1%	0,4%	0,1%	0,1%	0,0%
De 2,01% a 3% abaixo	0,4%	0,5%	0,1%	0,4%	0,0%	0,3%	0,0%
De 3,01% a 4% abaixo	0,1%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
De 4,01% a 5% abaixo	0,1%	0,4%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Mais de 5% abaixo	0,5%	1,4%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Abaixo do INPC-IBGE	11,6%	8,7%	4,5%	6,0%	1,4%	6,3%	2,4%
Nº de reajustes analisados	819	814	804	804	797	778	716

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE - Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs.: Foram destacadas, em cada ano, as faixas que apresentaram a maior incidência de reajustes

Distribuição dos Reajustes Salariais e do Aumento Real Médio, em Comparação com o INPC-IBGE

Brasil, 1996-2014



Analisando os Resultados das Negociações de 2014

O resultado das negociações em 2014, quando comparados com 2013, mostrou avanço discreto do reajuste médio, que passou de 1,22% para 1,39%.

Em toda série analisada, este percentual ficou abaixo apenas dos observados em 2010 e 2012.

Porém, diferentemente, dos outros anos, a média de aumento real assegurado pelas negociações com data-base no segundo semestre foi menor do que a registrada na primeira metade do ano.

Foi verificada a média de 1,50% no primeiro semestre e 1,16% no segundo, quando a estagnação da economia já estava mais evidente, o que, certamente, arrefeceu as possibilidades de melhores ganhos reais.

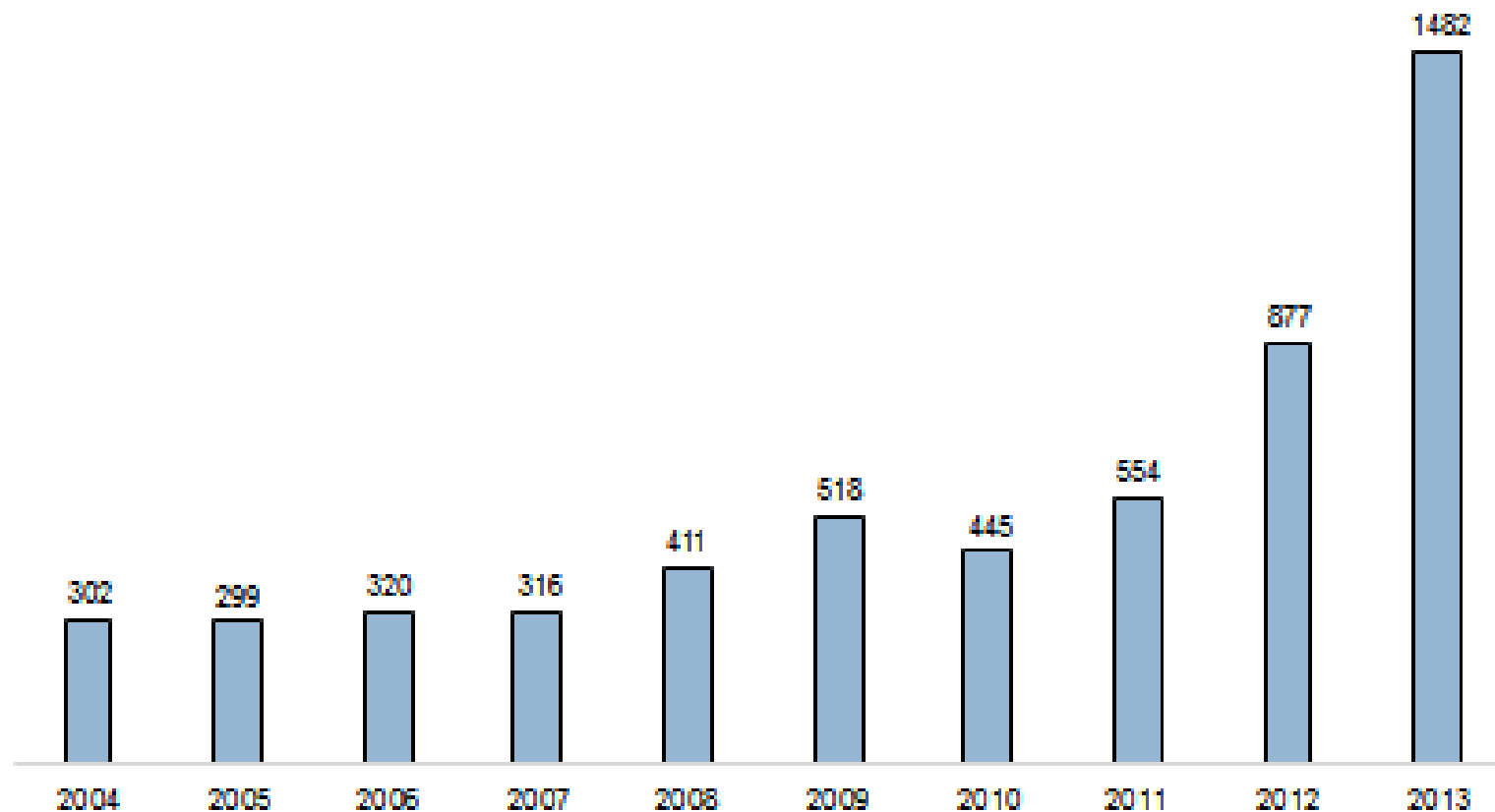
Negociações em 2015

Uma análise preliminar de 100 negociações realizadas entre Janeiro e Maio de 2015 indica um aumento real médio de

1,10%

Total de Greves

Brasil - 2004 a 2013



Fonte: Sistema de Acompanhamento de Greves (SAG-DIEESE)



Fonte: Sistema de Acompanhamento de Greves (SAG-DIEESE)

Informações para a Campanha Salarial

D  **IN** **E** **S** **E**

REAJUSTE NECESSÁRIO PARA REPOR PERDAS EM 01/08/2015

Período Agosto/14 a Abril /15:

- ICV-DIEESE: 7,47%
- INPC-IBGE: 7,28%
- IPCA-IBGE: 7,24%

Estimativa Agosto/14 até Julho/15:

- ICV-DIEESE: 8,9%
- INPC-IBGE: 8,7%
- IPCA-IBGE: 8,7%

Salário Mínimo e Salário Mínimo Necessário

Ano	Salário Mínimo Médio		B/A
	(A) Oficial	(B) Necessário	
2009	460,83	2.042,43	4,44
2010	510,00	2.110,26	4,14
2011	544,17	2.272,45	4,18
2012	622,00	2.463,81	3,96
2013	678,00	2.765,33	4,08
2014	724,00	2.925,16	4,04
2015 (até abril)	788,00	3.184,99	4,04

Custo de Vida e Alimentação

- Nos últimos anos os itens da Alimentação têm aumentado acima da inflação geral
- A cesta Básica medida pelo DIEESE na cidade de São Paulo foi, em Abril/2015 de R\$ 387,05

A variação entre Janeiro/2009 e Abril/2015 foi de **61,6%**

O IPCA geral foi de **46,8%**

Preço médio de refeição



Refeição Completa (prato + bebida + sobremesa + café)



prato



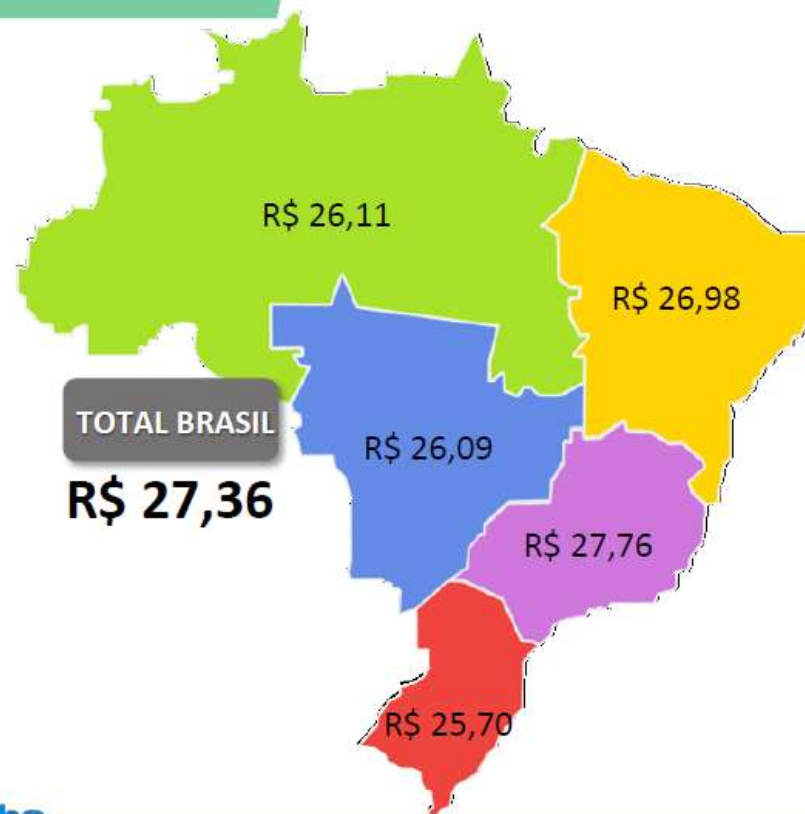
bebida



sobremesa



café



Observação: as bases referem-se ao número de preços coletados.

Pesquisa Assert – Preços Médios de Refeições 2015

Tipo de Refeição	Brasil	SE	Sul	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
Média Geral *	27,36	27,76	25,7	26,98	26,09	26,11
Comercial	24,29	24,6	24,07	22,55	22,91	21,02
Autoserviço	25,38	26,06	23,53	23,66	23,93	24,97
Executivo	41,17	42,41	45,56	33,88	35,66	43,55
À la Carte	56,77	56,69	59,22	56,33	53,11	64,11

* Média ponderada pelo peso de cada tipo de refeição

Variação da Inflação Geral e Item Alimentação fora do Domicílio

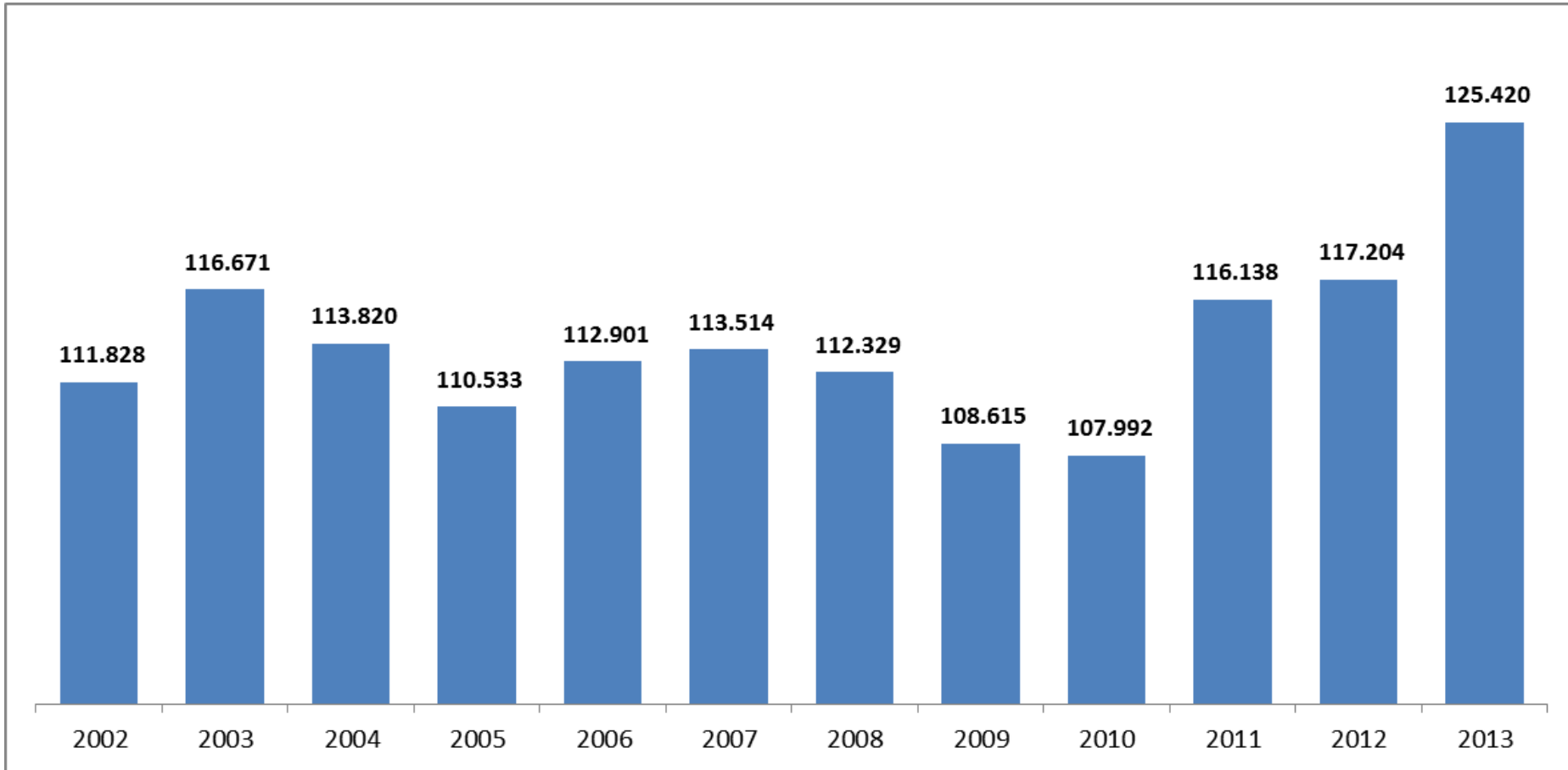
Ano	Acumulado no ano			
	Alimentação Fora		Índice Geral	
	ICV	INPC	ICV	INPC
2008	11,96%	11,21%	6,11%	6,48%
2009	7,50%	7,51%	4,05%	4,11%
2010	11,52%	9,63%	6,91%	6,47%
2011	10,63%	10,40%	6,09%	6,08%
2012	10,86%	9,66%	6,41%	6,20%
2013	8,96%	9,99%	6,04%	5,56%
2014	9,25%	9,96%	6,73%	6,23%
2015	4,22%	4,37%	5,57%	4,95%
Acumulado no Período	104,20%	100,32%	59,21%	56,48%

Reajustes e Ganhos Reais da Categoria

Ano	Reajuste	INPC		IPCA	
		Var %	Ganho Real	Var %	Ganho Real
2009	7,37%	4,57%	2,68%	4,50%	2,75%
2010	9,00%	4,44%	4,36%	4,60%	4,21%
2011	6,87%	6,87%	0,00%	6,87%	0,00%
2012	6,50%	5,36%	1,09%	5,20%	1,24%
2013	8,00%	6,38%	1,53%	6,27%	1,63%
2014	6,50%	6,33%	0,16%	6,50%	0,00%
Acumulado	53,2%	39,1%	10,1%	39,1%	10,2%

Obs: Ganho real médio ao ano no período: **1,6%**

Número de Trabalhadores dos Correios, Brasil, 2002-2013



Fonte: Relatórios Financeiros (correios)
Elaboração: Dieese – Escritório Regional São Paulo

*Segundo site dos Correios (<http://www.correios.com.br/>), em Abril de 2015 a empresa contava com **119.938** trabalhadores efetivos e **3.963** Jovens Aprendizizes. Total de **123.921***

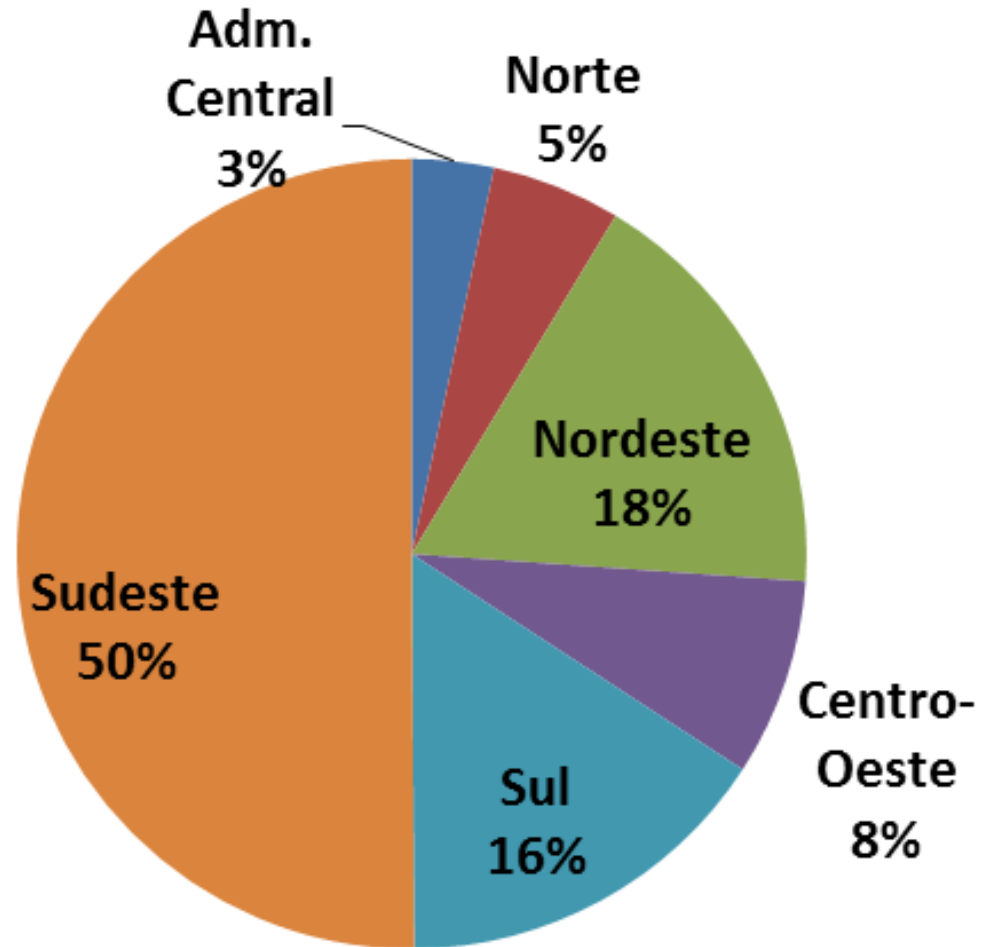
Distribuição do Pessoal em Abril/2015 por Regiões

Diretoria Regional	Empregados	Jovem Aprendiz	Total
Adm. Central	4.150	6	4.156
Norte	6.392	159	6.551
Nordeste	21.051	585	21.636
Centro-Oeste	9.770	243	10.013
Sul	19.041	433	19.474
Sudeste	59.534	2.537	62.071
Total	119.938	3.963	123.901

(1) Seleccionada Natureza Jurídica = Entidade Empresa Estatal

Destaque:	Total	% do Brasil	% Sudeste
São Paulo Metropolitana	20.202	16,3%	32,5%
São Paulo Interior	13.565	10,9%	21,9%
Total São Paulo	33.767	27,3%	54,4%

Distribuição por Diretoria Regional



Emprego e Salário na RAIS⁽¹⁾ 2013

Atividade	Nº Trab.	Rem Média
Diretores e Gerentes	25	15.733,77
Profissionais Nível Superior	6.971	9.564,09
Técnicos Nível Médio	5.454	6.166,47
Pessoal das Atividades Operacionais	111.307	2.656,09
Trabalhadores Serviços de Manutenção e Reparação	152	3.975,85
Condutores de Veículos e Oper. Equip. Movimentação de Carga	1.069	3.900,87
Aprendizes	1.728	308,31
Total	126.706	3.169,90

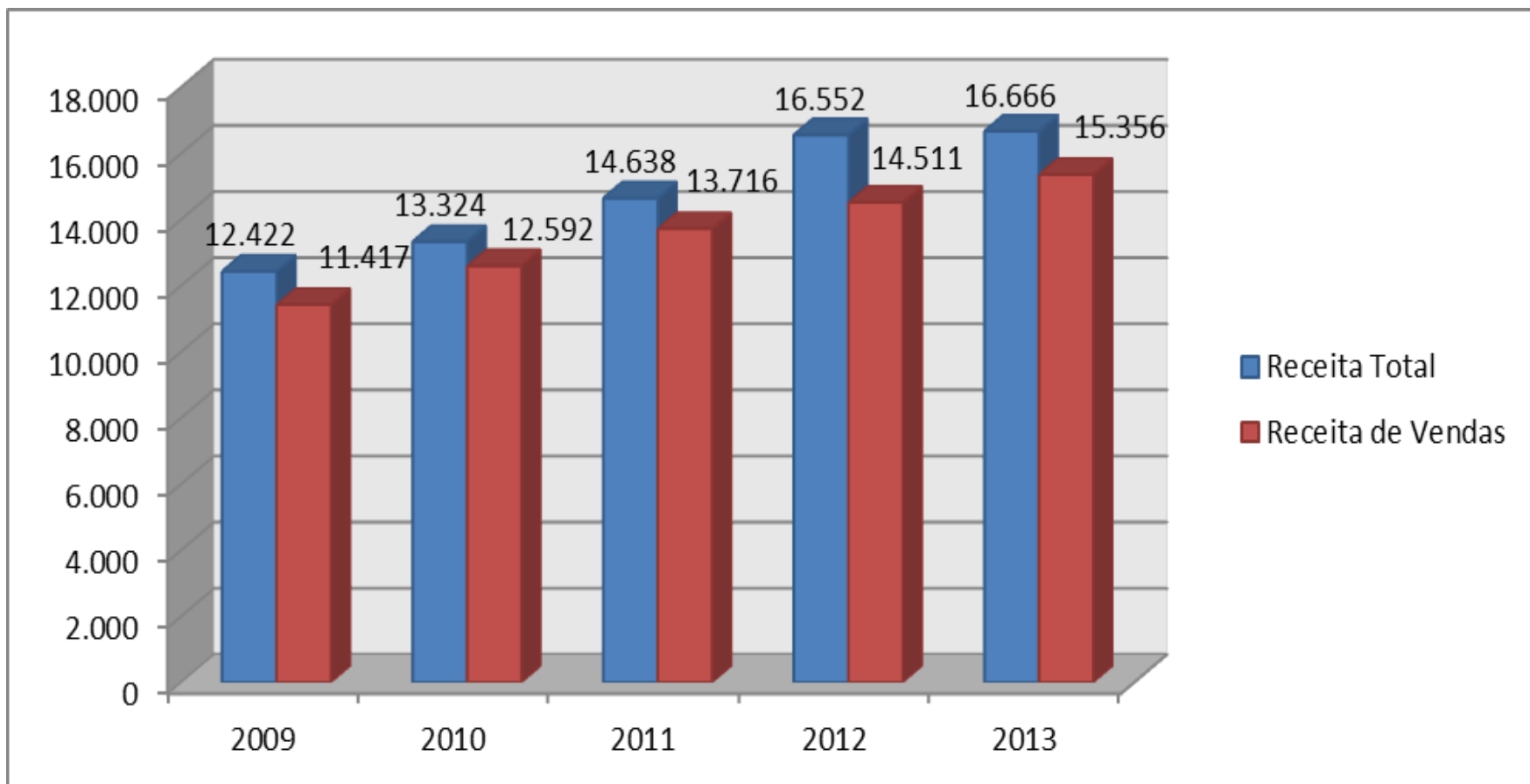
⁽¹⁾ Selecionada Atividade de Correio e Natureza Jurídica = Entidade Empresa Estatal

Emprego e Salário na RAIS(1) 2013

Faixa remuneração	Nº Trab.	% Trab.	Rem Média	% Massa
Até R\$ 1.356,00	4.065	3,4%	1.156,47	1,2%
+ de R\$ 1.356,00 a R\$ 2.034,00	36.667	30,4%	1.664,75	15,2%
+ de R\$ 2.034,00 a R\$ 2.712,00	24.741	20,5%	2.363,74	14,6%
+ de R\$ 2.712,00 a R\$ 3.390,00	15.760	13,1%	3.029,92	11,9%
+ de R\$ 2.390,00 a R\$ 3.390,00	21.130	17,5%	4.012,35	21,1%
+ de R\$ 2.390,00 a R\$ 6.780,00	10.726	8,9%	5.548,29	14,8%
Mais de R\$ 6.780,00	7.486	6,2%	11.334,11	21,2%
Total (*)	120.575	100,0%	3.326,68	100,0%

(*) Não Incluídos 4.403 vínculos sem informações da remuneração

RECEITA DA ECT – 2009-2013, R\$ mi



Fonte: Relatório da Administração Correios 2013
Elaboração: Dieese – Escritório Regional São Paulo

- Aumento de 34,5% na Receita Nominal de Vendas e 34,1% na Receita total nos últimos cinco anos;
- Crescimento da Receita impulsionado pelo desempenho do segmento de “encomendas/Sedex”;
- A Receita de Vendas cresceu 5,8% em 2013. Passou de R\$14,5 bi em 2012 para R\$15,4 bi em 2013;
- A Receita Total cresce 0,7% em 2013. Passando de R\$ 16,6 bi em 2012 para R\$ 16,7 bi em 2013;

Receita por Empregado

Ano	Receita Total (R\$ milhões)	Por Empregado (R\$ 1,00)
2009	12.422	114.367
2010	13.324	123.380
2011	14.638	126.040
2012	16.552	141.224
2013	16.666	132.882
Var. Período	34,2%	16,2%
Média Anual	7,6%	3,8%

DESPESAS COM PESSOAL – R\$ mil

Indicador	2012	2013	Variação 2013/2012 (%)
Remuneração do Trabalho	7.639,96	8.532,30	11,68%
Salários Honorários e Benefícios	7.039,25	7.956,20	13,03%
Participação no Lucro e Resultados -	124,47	39,76	-68,06%
Encargos Sociais	476,24	536,33	12,62%

Fonte: Relatório Financeiro Correios 2013

Elaboração: Dieese – Escritório Regional São Paulo

ECT - DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS – 2012-2013
R\$ mi

Indicador	2012	2013	Variação 2013/2012 (%)
Receita Líquida de Vendas e Serviços	13.970,37	14.793,29	5,89%
Custo dos Produtos Vendidos e dos Serviços Prestados	-10.117,21	-11.628,00	14,93%
Lucro Bruto	3.853,16	3.165,30	-17,85%
Despesas com vendas/serviços	1.586,72	1.086,95	-31,50%
Despesas Gerais e Administrativas	-2.537,25	-2.710,43	6,83%
Outras Receitas Operacionais	808,40	874,24	8,14%
Outras Despesas Operacionais	-109,75	-130,73	19,11%
Resultado Financeiro	1.088,27	276,17	-74,62%
Resultado Antes dos Tributos Sobre o Lucro	1.516,12	387,59	-74,44%
Imposto de Renda	-292,61	-45,83	-84,34%
Contribuição Social	-110,22	-16,48	-85,05%
Resultado Líquido	1.113,29	325,28	-70,78%

Fonte: Relatório Financeiro Correios 2013

Elaboração: Dieese – Escritório Regional São Paulo



- **Cenário adverso 2015 coloca alguns desafios para as Negociações:**
- Impacto não será necessariamente igual em todos os segmentos e portanto em todas as negociações
- Capacidade de mobilização dos Trabalhadores será fundamental para os resultados
- Aumento da intransigência patronal p/ atender pleito dos trabalhadores
- Manter a trajetória dos ganhos reais dos últimos anos
- Alternativa ao aumento real (avançar no salário indireto/benefícios: VA; VR; CB; CM...);



DIEESE – Escritório Regional São Paulo
(11) 3821-2146 - ersp@dieese.org.br

Obrigado!

Ilmar Ferreira Silva – ilmar@dieese.org.br